

De início gostaríamos de fazer uma ligeira observação quanto ao tema central desta jornada. Falar hoje sobre as relações entre a escola e o cinema é fato bastante oportuno sobretudo quando vemos por parte das instituições encarregadas da distribuição dos serviços educacionais uma total despreocupação em elaborar e executar uma política cultural para a nossa juventude.

Sem desprezar o tema central desta jornada, pretendemos alargar um pouco mais a perspectiva e em vez de tratarmos das simples colaborações que entre si podem prestar o cinema e a escola, abordaremos de maneira geral as relações entre o cinema e a educação.

Essa nossa observação se justifica pois consideramos a escola como uma das instituições encarregadas de fornecer os serviços educacionais e devido ao fato de o cinema se caracterizar como um meio não institucional de comunicação.

O tipo de orientação que existe entre o cinema e a educação tem o seu marco na maneira como encaramos o que seja cinema e o que seja educação. Não pretendemos elaborar mais uma definição do que seja esta nova arte, mas explicitar nossa posição ante ela.

Falar em cinema, para nós, não é quer dizer diversão, passa tempo, fuga, etc., muito pelo contrário. Cinema, para nós, é acontecimento cultural é o fruto de uma reflexão. O cinema se caracteriza como um evento intelectual. Dentro deste enfoque ele tem que se situar em um contexto. Este contexto é o universo em que ele se situa. O cinema deve ter um espaço e um tempo determinados.

Porém, o autor cinematográfico não é um "historiador", um contador de histórias, um documentarista. Seu trabalho intelectual exige muito mais que uma narração de acontecimentos, apela constantemente às críticas, à tomada de posição ou ao engajamento. Em sua obra, aquele que faz cinema como todo aquele que se dedica à atividade intelectual, deve tomar uma atitude, tem obrigação de se colocar diante dos fatos e de sua época não como quem os assiste, não como um mero espectador, mas como quem tem a coragem de enfrentá-los.

O cinema, como todas as artes, é a praxis de seu próprio autor.

A obra de arte assim entendida significa compreensão e interpretação da realidade. Não é só uma expressão do Belo, não tem unicamente um valor estético pois funciona como uma pedagogia, ou seja, como uma forma de sensibilizar o espectador tornando-o mais apto a ver e entender sua época, sua situação, seu tempo, enfim, a realidade que o rodeia.

Dada às características próprias do cinema: arte visual por excelência; arte de massa, de consumo; nenhuma outra forma de expressão artística está apta a desempenhar esta função estético-pedagógica.

Talvez que, por nossa situação sócio-econômica, seja ainda mais prometo que o cinema desempenhe esta função. No entanto, nós não vivemos em uma sociedade onde nem todas as pessoas possuem as mesmas possibilidades intelectuais e econômicas. O que nós temos é uma massa de analfabetos. Uma camada enorme da população que não tem acesso ao mínimo de instrumentalização intelectual que poderia ter a capacidade de ler e escrever. Aqueles que gozam do privilégio de um dia entrar em uma escola, quase sempre a abandonam em seus primeiros anos.

Além do mais nós estamos saindo de uma sociedade agrária tradicional para outra industrial-capitalista. Aqui talvez fôsse conveniente lembrar as palavras de Baran e Swesy: "É a essência do capitalismo que tanto os bens como o trabalho sejam vendidos no mercado. Nessa sociedade, as relações entre as pessoas são dominadas pelo princípio da troca de equivalente, não só em assuntos econômicos, mas também em todos os aspectos da vida." Assim, nós que pretendemos fazer cinema ou aqueles que o fazem vêm-se forçados a considerar o seu labor também como um bem de consumo.

Esbarramos então em um dilema: a massa de nosso povo é analfabeta, isto é, não dispõe do mínimo de instrumentos capazes de fazê-la apreender e compreender um trabalho intelectual, além disso essa massa, devido as circunstâncias de nossa sociedade, passa a ser vista como consumidor. Alguém a quem devemos vender o produto de nosso trabalho. Mas como conseguir isso se esse consumidor não dispõe do mínimo necessário para entender nossa criação e, conseqüentemente não possui nenhuma motivação para adquirir o nosso produto?

larga escala de uma forma de engajamento cultural através da criação e dinamização do cineclubes, festivais e congressos sobre cinema.

A outra seria a de utilizar as inúmeras possibilidades de que dispõe o cinema como instrumento didático, isto é, como forma de ensinamento. Nenhuma outra arte, nem nenhum recurso visual é tão eficaz e tão completo como o cinema.

Como já afirmamos anteriormente uma das características do cinema é ser um meio de comunicação de massa, seu público é de certa maneira incalculável indeterminado. Assim ele possui em si mesmo uma força educativa, ou seja, dispõe da capacidade de mentalizar grandes camadas da população. Essa força tornar-se-á educativa desde que seja usada de maneira que o espectador encontre na projeção de uma determinada película não um ópio, não uma maneira de fugir de sua realidade mas ao contrário um momento de reflexão.

E aqui chegamos ao que poderíamos denominar de dialética pedagógica do cinema. Em que consistiria esta dialética? Como ela seria pedagógica?

Na possibilidade que se abriria ao público de ao mesmo tempo em que ele fôsse buscando a compreensão ia também ensinando ao público a compreender os fatos e as circunstâncias do nosso povo e da nossa cultura.

Eram estas as contribuições que tínhamos a dar. Lamentamos não termos podido aprofundar melhor o tema devido a vários motivos, inclusive a total ausência de bibliografia sobre o assunto, que se aproximasse de nossa posição.

FIM

